

Apreensões de si enquanto escritor em *Why I Write* de George Orwell (1946)

Janis Caroline Boiko da Rosa¹

Resumo: *Why I Write* foi um ensaio de George Orwell, publicado na revista *Gangrel* em 1946. Nesse texto o autor reconstruiu sua trajetória como escritor e apresentou o que o motivava a escrever, localizando sua tarefa vocacional na militância. Através desse texto é possível buscar a visão que Orwell apresentou de si e de seu projeto literário. A análise *Why I Write* apresentada neste artigo tem, portanto, a intenção de explorar como Orwell deu sentido às próprias vivências no texto e constituiu um projeto literário engajado a partir dessas experiências. Visamos, também, analisar a visão que o autor expressou de si e de sua produção artística. Para realizar tais análises, mobilizamos as discussões de autores como Paul Ricoeur, Leonor Arfuch e Pierre Bourdieu, acerca da escrita autobiográfica, bem como nos apropriamos do debate de Benoît Denis acerca da literatura engajada.

Palavras-Chave: George Orwell, autobiografia, escrita engajada.

Captures of the self as a writer on George Orwell's *Why I Write*

Abstract: *Why I Write* was a George Orwell essay published in *Gangrel* magazine in 1946. In this text the author reconstituted his career as a writer and presented what motivated him to write, placing his vocational task in political militancy. Thus, it is possible to seek, in this text, Orwell's vision of himself and of his literary project. By analysing *Why I Write*, we intend to explore how Orwell gave meaning to his own experiences inside this text and how he built an engaged literary project through these experiences. This paper

¹ Doutoranda em história na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em história pela UFPR, licenciada em história pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Bolsista CAPES. E-mail: janisboikor@gmail.com.

aims, therefore, at analyzing Orwell's view of himself and of his artistic work. This analysis was made possible by mobilizing the debate about autobiographical writing, presented by Leonor Arfuch, Pierre Bourdieu and Paul Ricoeur, as well as the discussion around engaged literature, carried out by Benoît Denis.

Keywords: George Orwell. autobiography. engaged writing.

Em 1946, a revista *Gangrel* enviou a uma série de escritores uma proposta de ensaio, o periódico propunha que estes autores lhe respondessem à pergunta “por que escrevo?”. A *Gangrel* era uma revista trimestral, de esquerda, focada na crítica literária. Tratava-se de uma revista pequena, cuja curta existência (de um ano) passou quase sem ser notada. O editor da revista, J. B. Pick, como informado por Thomas Sawyer no editorial de abertura, reconhecia as dificuldades de criar uma revista dedicada à crítica literária, tendo em vista o grande número destas que já existia. Ainda assim, o editor defendia seu projeto, afirmando que a crítica literária era uma linha de frente contra o avanço mundial do totalitarismo (MARKS, 2011, p.167).

Ainda em 1946, J.B. Pick e o co-editor, Charles Neil, pediram a uma variedade de autores que escrevessem sobre suas tarefas vocacionais. No terceiro número da revista, Pick publicou um texto no qual afirmava que o trabalho vocacional era a única salvação e felicidade que o indivíduo, despido do egoísmo e da ilusão, poderia descobrir no mundo. Neste número também foi enunciado que a revista

havia convencido Neil M. Gunn², Rayner Heppenstall³, Claude Houghton⁴, Henry Miller⁵, Alfred Perles⁶ e George Orwell a enviarem textos sobre o motivo que os levava a escrever. Estes textos seriam publicados nos próximos números da revista. Na ocasião, apenas as respostas de Gunn, Heppenstall, Perles e Orwell foram publicadas. Os vínculos entre esses autores são vagos, consistindo em relações de amizade e admiração. Alguns desses escritores chegavam a citar outros, mas nem todos os membros do grupo mantiveram laços com todos os outros. Deste modo, fica pouco claro o que motivou a seleção destes autores, especificamente (MARKS, 2011, p. 167).

Tendo em vista que a temática do ensaio foi determinada pela revista, não é possível saber se Orwell tinha o desejo de escrever um testemunho pessoal neste momento ou não. O texto enviado por Orwell foi o ensaio intitulado, *Why I Write*, publicado em 1946 pela revista *Gangrel* e republicado inúmeras vezes posteriormente. Nesse, o autor se questionou sobre os caminhos de seu empreendimento literário e sobre

² Neil M. Gunn foi um escritor, crítico e dramaturgo do renascimento escocês. Seu trabalho tardio, entre 1940 e 1950, passou a tratar da questão totalitária.

³ Rayner Heppentall foi um poeta, romancista e produtor de rádio britânico. Até 1960 o escritor se afirmou como politicamente de esquerda, durante os anos 1960 este se aproximou do conservadorismo. Seus diários, publicados ao fim de sua vida, continham passagens preconceituosas e negativas referentes aos grupos minoritários.

⁴ Claude Houghton foi um escritor britânico, cuja obra não foi muito bem recebida pelo público geral, ainda que elogiada pelos pares.

⁵ Escritor e crítico literário estadunidense. Muitos de seus livros foram banidos nos EUA, Inglaterra, França e Japão, sendo vendidos ilegalmente.

⁶ Escritor austríaco naturalizado inglês.

os motivos que poderiam impulsionar um escritor de prosa. No texto, Orwell analisou seu próprio trabalho e trajetória, notando a importância do impulso histórico e do propósito político na sua produção (MARTINS, 2005, p. 51). Portanto, esse texto nos possibilita averiguar o modo como o escritor narra a própria trajetória e a significa num projeto literário. Levantando questões como: De que maneira Orwell interpreta suas próprias experiências e vivências? Que narrativa apresenta de si mesmo? Que papel o escritor atribui a si e a suas obras? O que motiva sua escrita e como este motivo se encaixa numa narrativa de si específica?

Ainda que a produção ensaística de George Orwell tenha importância pouco conhecida no Brasil, textos como *A Hanging*, *Shootingan Elephant*, *Boys Weeklies*, *Politics and the English Language* e *Why I Write* adquiriram reconhecimento por sua forma, bem como por suas capacidades provocativas e recreativas. O gênero ensaístico forneceu ao autor um meio versátil para transmitir suas opiniões e subsequentes revisões de suas próprias ideias. Nos ensaios, Orwell se apresentava como uma figura argumentativa, engajada e analítica, combatendo as tendências fascistas e totalitárias existentes na Inglaterra, assim como o Imperialismo, e defendendo sua compreensão do socialismo (MARKS, 2011, p. 2-54). Martins (2004, p. 3) sugeriu que o enredo das ficções orwellianas, elaboradas entre 1940-1950, colocaria em evidência as convicções políticas do autor, fazendo com

que o tom do Orwell ensaísta ecoasse em *Animal Farm* e *Nineteen Eighty-Four*. Deste modo, cremos que esta análise de *Why I write* melhor nos habilita a compreender o engajamento político de Orwell em sua trajetória como literato militante.

Levando em consideração o uso frequente de Orwell do ensaio como espaço de narrativa da experiência, buscamos, ao analisar esse texto, compreender a visão que Orwell apresentou de si e de seu projeto literário. Para tanto observaremos: como o escritor via sua própria trajetória; qual papel ele atribui a si mesmo enquanto escritor e intelectual; qual propósito artístico e intelectual motiva sua escrita; e qual foi o papel da política na relação que Orwell estabeleceu com sua produção artística.

Para realizar estas análises, nos apropriaremos das discussões de Paul Ricoeur, Pierre Bourdieu, Leonor Arfuch e Ângela de Castro Gomes acerca da escrita autobiográfica. Paul Ricoeur, ao discutir a identidade narrativa, observou que a constituição identitária de um sujeito é, também, um ato interpretativo de si. Ao narrar-se o indivíduo se apropria de práticas narrativas, como as de construção de um enredo, para costurar suas experiências num relato que o constitui enquanto personagem ao mesmo tempo em que constrói a trama. Bourdieu notou que essa trama costuma ter sentido único, aplicado teleologicamente. Já Gomes discutiu a escrita autorreferencial como um modo de estabilização e harmonização da identidade do indivíduo moderno. Por

fim, Leonor Arfuch propôs pensarmos na escrita autobiográfica como ipseidade, ou seja, manutenção de si perante o outro, feita dialogicamente, neste caso, com a *Gangrel*. Tais debates nos possibilitam compreender *Why I Write* como um ensaio autobiográfico em que o autor estabiliza sua identidade enquanto escritor e alinha suas experiências numa narrativa de si feitas em diálogo com uma pequena revista de esquerda radical. Com a mobilização desses teóricos, podemos nos questionar acerca da imagem de si apresentada pelo escritor.

Ensaaiando-se

O texto intitulado *Why I Write* consiste em um ensaio sobre si. O gênero literário ensaio põe em questão os limites entre o discurso objetivo e a forma (ARNT, 2000, p. 4). O gênero poderia ser subdividido em dois: o ensaio erudito e o literário, sendo o segundo caracterizado pela sua liberdade e pela retórica do eu, na qual o enunciador se apresenta como subjetividade ativa que explora o mundo a partir de si, trazendo a experiência sensível e as percepções afetivas das vivências (DENIS, 2002, p. 93-95). George Orwell utilizou amplamente o ensaio literário para debater tópicos políticos e apresentar narrativas testemunhais, levando ao público relatos embebidos em análises sociais e políticas. Como veremos à frente, *Why I Write* não

foge desse padrão, já que se trata de uma narrativa da própria trajetória do autor e de uma análise das suas experiências e motivações.

O ensaio não possui um campo de competência prescrito, ou seja, não é ciência nem arte, mas caminha entre as duas. Sua proximidade com a autonomia estética parece tomada de empréstimo da arte, contudo, o ensaio se diferencia desta por seu meio específico, os conceitos, e por sua pretensão à verdade desprovida de aparência estética (ADORNO, 2003, p. 16-18). Theodor W. Adorno (2003, p. 22-41), tendo abordado principalmente os usos do ensaio na filosofia, afirmou que este não compactuava com a violência do dogma, o qual atribuía dignidade ontológica à abstração e aos conceitos atemporais. O autor observou que o ensaio não busca o eterno no transitório, mas sim eternizar o transitório em si. Este está desembaraçado da ideia tradicional de verdade, bem como do ideal de certeza. A ideia de método foi suspensa nele, a sua profundidade advém da sua capacidade de se aprofundar no objeto, não de sua capacidade de reduzi-lo a outra coisa. O gênero textual consiste em uma forma crítica por excelência, cujas satisfações retóricas vêm das ideias de felicidade e liberdade perante o objeto, que se apresenta de forma mais espontânea do que se fosse inserido em estruturas textuais mais metodológicas.

Sua forma é fragmentária, assim como a sua realidade, sua unidade é encontrada através das fraturas, não através do aplainamento delas. A descontinuidade é essencial ao ensaio. Escreve

“ensaísticamente” o sujeito que compõe experimentando, que questiona e prova seu objeto. Aquele que o submete à reflexão e o ataca de vários lados, transformando o objeto em palavras. No caso de *Why I Write*, o objeto de Orwell foi seu próprio eu, enquanto escritor e intelectual, bem como seu projeto literário. Orwell ensaiou-se em uma autoanálise vocacional (ADORNO, 2003, p. 35-36).

Enquanto ensaio sobre si *Why I Write* navegou as experiências pessoais e profissionais de George Orwell com bastante liberdade artística, mesclando a narrativa autobiográfica em prosa com a poesia. O autor buscou no passado os motivos de exercício profissional do presente, amarrando suas ações presentes e futuras com uma noção de jornada que se iniciava na infância, seguia pela juventude – mudando o enfoque de sua escrita – e chegava à vida adulta. Orwell deu forma e unicidade ao seu projeto literário através da escrita do ensaio, com a criação de uma narrativa de suas vivências e atuações que possuía sentido uno. Suas escolhas e experiências foram, então, articuladas dentro de uma mesma proposta. Ainda, o texto apresentou liberdade de forma e estilo, trazendo a escrita pragmática característica do escritor (DENIS, 2002, p.45-46).

Em *Why I Write* Orwell reconstituiu sua jornada, dando ao texto um cunho autobiográfico. Para Lejeune autobiografia seria “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando sua vida individual, particularmente a história de

sua personalidade” (LEJEUNE *apud* ARFUCH, 2010, p. 45). Na autobiografia, o autor conta suas histórias ou experiências de vida, esses textos são narrativas, estando sujeitos a certos procedimentos compositivos, dentre eles a remissão ao eixo temporal – que surge como modelador da experiência. A narrativa de si atribui forma ao informe, supondo uma relação possível entre tempo vivido, o tempo do relato e o tempo da leitura. O relato funciona como a forma de estruturação da vida, e por consequência, da identidade (ARFUCH, 2010, p. 111-112).

Paul Ricoeur (1991, p. 13-149; GUBERT, 2019, p. 136-141) discutiu o modo como a narrativa organiza as memórias a partir do presente, gerando coerência, estabelecendo padrões e causalidades que dão sentido e ligam ações. Para o autor a identidade pessoal é entendida na relação com a permanência no tempo, essa se dá através daipseidade e identidade – *idem* e *ipse*. O *idem* é a mesmidade, o ser imutável no tempo. Já a *ipseidade* diz respeito à alteridade, esta enfatiza a relação do si com o outro, ela não assume um núcleo imutável da personalidade, mas pensa na identidade do sujeito como manutenção que possibilita a confiança nas relações sociais do indivíduo. Tais permanências de si seriam conjuradas pelo caráter e pela palavra dada: o caráter seria “o conjunto de disposições duráveis pelas quais se reconhece uma pessoa” (RICOEUR, 1991, p. 144); e a palavra dada seria a promessa cumprida e a constância da amizade, ligada a *ipseidade*

por seu cunho relacional. A ipseidade se apresenta na promessa e na fidelidade à palavra.

Ipse e idem podem ser articulados narrativamente. A identidade narrativa se originou na articulação da história com a ficção, tendo em vista que as histórias de vida se tornam compreensíveis através de práticas narrativas, as quais seriam provenientes da ficção, como a intriga. Para o autor: “Relatar é dizer quem fez o que, por que e como, mostrando no tempo a conexão entre esses pontos de vista” (RICOEUR, 1991, p. 174). Para Ricoeur, a compreensão de si é uma interpretação, a qual encontraria na narrativa uma mediação privilegiada. A identidade necessariamente interage com o relato de uma história de vida, este relato a compõem, uma vez que a narrativa constrói a identidade do personagem na construção do enredo. O sujeito, na medida em que interpreta o mundo, é também, em si, um ato de interpretação (RICOEUR, 1991, p. 138-193).

Angela de Castro Gomes (2004, p. 11) observou que a escrita de si – ou escrita autorreferencial – está integrada num conjunto de práticas chamado de produções de si, que consiste na relação estabelecida entre o indivíduo e os documentos produzidos por ele sobre si mesmo. As práticas englobadas vão da escrita (diários, cartas e autobiografias) ao acúmulo de memórias através de objetos materiais (cartões-postais, fotos, etc.), essas ações atribuem sentido ao mundo que cerca o sujeito e possibilitam a criação de uma identidade, que o torna singular perante o

mundo social. Essa singularidade se traduz na multiplicidade de papéis sociais exercidos pelo sujeito e na fragmentação deste e de suas memórias através do tempo. Seria exatamente por esse eu singular do indivíduo, que a autora chama de moderno, não ser contínuo ou harmônico que as práticas de produção de si se proliferaram, atendendo uma demanda de estabilidade e permanência através do tempo (GOMES, 2004, p. 15).

Estando o caráter configurativo das narrativas articulado com o caráter narrativo da experiência, Leonor Arfuch (2010, p. 126) propôs que pensássemos a forma autobiográfica como uma espécie de palavra dada (logo, envolvendo a permanência da identidade perante outro), de permanência num trajeto de reencontro do eu, depois de atravessadas as peripécias. Deste modo, a narrativa autobiográfica parte de um deslocamento no espaço-tempo, que introduziria uma nuance de vaivém da identidade narrativa, que não deixaria de envolver uma dualidade que ressignifica constantemente as instâncias de autoconhecimento, ou seja, indivíduo se reinterpreta e ressignificaria. A autora assumiu um descentramento constitutivo do sujeito enunciador, inclusive na sua função testemunhal de si, enquanto enunciador e objeto, não pensando neste discurso como uno, mas múltiplo, até porque é constituído dialogicamente com um destinatário. No caso de Orwell, seu interlocutor seria a *Gangrel*, seu editor, Pick, e seu público leitor. Orwell parte do momento de escrita do ensaio, em direção ao seu eu do

passado e o significa e interpreta em diálogo com a proposta da revista. Arfuch sugeriu, ainda, que os relatos suscetíveis à enunciação são coautoras (conversas, histórias de vida, entrevistas, relação psicanalítica), esses constroem urdiduras reconhecíveis como próprias, mas definidas nas relações com elementos exteriores ao eu (ARFUCH, 2010, p. 135).

Por fim, Pierre Bourdieu (2006, p. 186) apontou que o mundo social normaliza a identidade, dando a essa características de previsibilidade e inteligibilidade. O que implica que, no relato totalizante das manifestações do eu, a vida é um conjunto inseparável de acontecimentos de uma existência individual. Esse tipo de relato apresenta a vida como um caminho, com encruzilhadas e emboscadas, ou como caminho que percorremos e que deve ser percorrido, trajeto linear unidirecional, contendo etapas e um fim. Para Bourdieu, (2006, p. 183-186) o sujeito e o objeto do trabalho biográfico teriam, quase sempre, uma preocupação de dar sentido à existência narrada, extraíndo uma lógica retrospectiva e prospectiva, uma constância, estabelecendo relações inteligíveis de causalidade entre estados sucessivos, organizando etapas de desenvolvimento necessário. Todos esses elementos estarão presentes em *Why I Write*. Para Bourdieu (2006, p. 184-185), essa propensão torna o autor ideólogo da própria vida, selecionando acontecimentos, estabelecendo conexões para lhe dar

coerência, pensando-os em função de uma intenção, e daí seria criado o relato totalizante da vida do indivíduo.

Orwell, o literato militante

A escrita de *Why I Write* está situada num momento histórico determinado. Com a Crise de 1929, duas guerras mundiais, fascismos, campos de concentração e bombas atômicas, a intelectualidade precisava revisar-se e buscar entender seu passado recente, presente e papel. Como produto desta necessidade, diversas obras foram escritas como: *As Origens do Totalitarismo* (1951) de Hannah Arendt; *A sociedade aberta e seus inimigos* (1945) de Karl Popper; *O eu inconsciente* (1957) de Carl Gustav Jung; *Zniewolonyumysł* (1953) de Czesław Miłosz; os textos *Educação depois de Auschwitz* (1966) de Theodor W Adorno, *“Face ao vento”*: *Manifesto dos tempos novos* (1946) de Lucien Febvre, *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica* (1936) de Walter Benjamin; a peça *Esperando por Godot* (1952) de Samuel Beckett, etc. Concomitantemente a este movimento ocorreu o fenômeno da literatura engajada. Esse fenômeno, segundo Denis, se deu nas gerações de escritores que sucederam a Grande Guerra, sendo proveniente do surgimento de um campo literário autônomo, da figura do intelectual e da Revolução de Outubro. A partir dos anos de 1920 e 1930, foi,

segundo o autor, visível uma politização do campo literário. É nessas movimentações que Orwell se encontrava, e *Why I Write*, enquanto escrita autobiográfica, evidencia o sujeito buscando dar sentido a suas experiências em meio à incessante movimentação política do século XX. (DENIS, 2002, p. 19-23).

Why I Write se inicia como relato autobiográfico, segue em direção a uma análise de todas as possíveis motivações de escrita de um autor, enfoca as motivações de Orwell, apresenta um poema e finaliza debatendo o projeto literário do autor e seus anseios para o futuro. Passado presente e futuro são engajados neste texto que segue um fluxo próximo daquele de um diário, viajando pelo tempo, por pensamentos e por materiais, sem compromissos formais ou metodológicos. Essa estética próxima de uma bricolagem potencializa o aspecto confessional do texto, que traz consigo uma promessa de veracidade intimista já na sua proposta de abordar os motivos vocacionais do autor. O início do texto segue uma linearidade temporal, partindo da infância de George Orwell. O autor começa o texto afirmando que:

Desde muito jovem [...] eu sabia que, quando crescesse, deveria me tornar um escritor. Entre os dezessete e os vinte e quatro anos eu tentei abandonar esta ideia, mas eu o fiz com a consciência de que estava ofendendo meu verdadeiro eu e que cedo ou tarde eu deveria sossegar e escrever livros. (tradução nossa, 1968, p. 1)⁷

⁷ “From a very early age [...] I knew that when I grew up I should be a writer. Between the ages of about seventeen and twenty-four I tried to abandon this idea, but I

Já de início, temos a presença de uma concepção de trajeto, com sentido uno e que acessa as memórias da infância a partir de uma perspectiva profissional do presente. Temos, também, o movimento de vai-e-vem no tempo, em diálogo com a proposta vocacional da *Gangrel*. Orwell segue contando que foi o filho do meio, com uma diferença de cinco anos entre cada irmão, e que mal conheceu o pai, o que fez com que fosse uma criança solitária, desenvolvendo maneirismos desagradáveis que o tornaram impopular na escola. A impopularidade o levou a desenvolver o hábito de criar histórias e conversar com amigos imaginários (ORWELL, 1968, p. 1). A partir destas lembranças, Orwell concluiu que suas ambições literárias estavam misturadas com seu sentimento de isolamento e subvalorização: “Eu sabia que tinha facilidade com as palavras e o poder de enfrentar fatos desagradáveis, e eu senti que isso criava um tipo de mundo privado no qual eu poderia consolar a mim mesmo pelos meus fracassos do cotidiano” (tradução nossa, 1968, p. 1)⁸.

Assim, temos a figuração de uma criança solitária, socialmente deslocada e fracassada, que buscava nos mundos imaginários um lugar para si, mantendo, portanto, contato com a literatura. Essa figura isolada

did so with the consciousness that I was outraging my true self and that sooner or later I should settle down and write books.” (ORWELL, 1968, p. 1).

⁸ “I knew that I had facility with words and a power of facing unpleasant facts, and I felt that this create a sort of private world in which I could get my own back for my failure in everyday life.” (ORWELL, 1968, p. 1)

parece remeter às narrativas da genialidade na infância, em que, frequentemente, esta imagem é construída. Durante a infância, Orwell escrevia pouco, mas o autor afirmou que começou a escrever aos quatro ou cinco anos, criando poemas patrióticos durante 1ª Guerra Mundial, os quais foram publicados nos jornais, bem como poemas naturalistas e um conto – que ficaram incompletos. Posteriormente escreveu poemas semicômicos, participou da produção de revistas escolares e manteve um exercício literário que consistia em criar histórias sobre si mesmo, nas quais começava como um herói e terminava fazendo uma descrição crua do que via e fazia, hábito que manteve até os vinte e cinco anos (ORWELL, 1968, p. 1-2). Portanto, Orwell conta que: “ao longo destes anos [no colégio] eu estive envolvido, em algum sentido, com atividades literárias” (tradução nossa, 1968, p. 1-2)⁹.

Aos dezesseis, o autor diz ter descoberto o prazer do mero som das palavras com o poema *Paradise Lost*, de John Milton. Esse prazer somado ao costume descritivo teria levado Orwell a querer escrever enormes romances naturalistas com finais infelizes, cheio de descrições e passagens em que as palavras seriam usadas pelo prazer de seu som. Ideias que deram forma ao primeiro romance de Orwell, *Burmese Days* (ORWELL, 1968, p. 2-3). Esse livro se passa na Birmânia sob o domínio do Império Britânico, o enredo gira em torno do conflito entre

⁹ “throughout this time I did in a sense engage in literary activities.” (ORWELL, 1968, p. 1-2)

o antagonista U PoKyin (um magistrado birmanês corrupto), o médico nativo Dr. Veras wami e o protagonista (um britânico branco) John Flory. O texto explora temas como imperialismo, racismo e corrupção, mas se destaca dentre os romances de Orwell por sua linguagem e descrições extravagantes.

Burmese Days se trata de um romance naturalista, o naturalismo foi um movimento literário do final do século XIX, que aplicava ideias e princípios científicos, como a teoria evolucionista e suas variantes, à ficção. Os autores desse movimento criavam personagens que se comportavam de acordo com os impulsos e desejos de um animal na natureza. Muitos destes escritores acreditavam que a verdade poderia ser encontrada nas leis naturais. Como o foco naturalista é a natureza humana, as histórias são guiadas pelos personagens, e não pelo enredo. Émile Zola foi precursor deste movimento – que atingiu seu auge nos EUA –, seu ensaio *O romance experimental* (1881) definia que o escritor naturalista sujeitava personagens e eventos críveis a condições experimentais. Além disso, outro princípio do movimento, segundo Zola, era o determinismo, que assumia que o destino de um indivíduo é fixado por forças fora de seu controle, como genética e ambiente. Deste modo, os escritores destes textos frequentemente tratavam de decadência urbana e moral. O naturalismo em língua inglesa foi mais frequente nos EUA do que na Inglaterra, em partes isso se deveu ao período Eduardiano na literatura, que ocorria no último país em

concomitância com o desenvolvimento do naturalismo (GALE, 2017, p. 7-8).

Esse trecho inicial apresenta uma jornada que vai da infância solitária, passando pelas cenas de leitura e escrita, e chegando a uma primeira definição de um gênero de interesse. Arfuch (2010, p. 224-225) notou que a infância de um escritor se distingue das outras pela marca do livro e da cena de leitura, que funcionaria como cena fundante a partir da qual o trabalho autobiográfico recuperaria uma filiação e anunciaria seu pertencimento a uma comunidade escolhida. Orwell se alinha teleologicamente com essa comunidade letrada e com a cena de leitura. Cabe aqui relembrar a compreensão de ilusão biográfica de Pierre Bourdieu, em que o sujeito alinha sua experiência numa narrativa retrospectiva, centrando seu eu e criando um senso de jornada, com intempéries, etapas e sentido. A infância foi, portanto, a primeira etapa, alinhada com o sentido da trajetória.

O próprio autor considera o relato da infância e o motivo de escrita inseparáveis: “Forneci todo este pano de fundo de informações porque não creio que se possa acessar os motivos de um escritor sem saber algo de sua infância” (tradução nossa, 1968, p. 3)¹⁰. Isso pois, antes mesmo de começar a escrever o autor adquiriria “uma atitude emocional da qual nunca escaparia completamente” (tradução nossa,

¹⁰ “I give all this background information because I do not think one can assess a writer's motives without knowing something of his early development.” (ORWELL, 1968, p. 3).

1968, p. 3)¹¹. Haveria, claro, um amadurecimento emocional, mas, para Orwell, se o autor escapasse totalmente de suas primeiras influências, ele mataria seu impulso de escrita. Assim, a compreensão de Orwell do que motiva e de como se desenvolve um escritor estavam implicadas na sua leitura de si e/ou vice-versa.

Sua jornada segue em direção ao início de sua vida adulta, na Indian Imperial Police, realizando uma função que não lhe agradava. Sua saída dessa função foi seguida pelo empobrecimento e senso de derrota. Tais experiências teriam reforçado seu ódio a autoridade e o feito consciente da existência da classe operária e da natureza do imperialismo. Não muito depois ocorreu a ascensão de Hitler e a Guerra Civil Espanhola, com esses eventos veio, para o autor, a confirmação de seu posicionamento político e, consecutivamente, de seu posicionamento como intelectual (ORWELL, 1968, p. 4).

A jornada de Orwell como escritor e sua identidade dentro dessa comunidade artística sofreram determinações do tempo vivido, assim: “Em tempos pacíficos eu poderia ter escrito livros ornamentados ou meramente descritivos, e poderia ter permanecido quase inconsciente das minhas lealdades políticas. Como as coisas são, fui forçado a me tornar uma espécie de panfleteiro (tradução nossa, ORWELL, 1968, p.

¹¹“an emotional attitude from which he will never completely escape” (ORWELL, 1968, p. 3).

4)¹². A relação do autor com seu tempo é marcada por um de senso de responsabilidade. Essa sensação foi apresentada como definidora de sua razão de escrita, de seu projeto literário e de sua leitura de si enquanto intelectual.

A narrativa de Orwell segue, então, em direção a uma afirmação do pertencimento histórico e lealdade a uma comunidade, neste caso aos trabalhadores. No trecho precedente percebemos a articulação das intempéries e fracassos à jornada intelectual e aos seus motes literários, mas é da relação entre o autor e seu tempo que a imagem do escritor engajado emerge. Essa imagem marca a compreensão identitária de Orwell. Através da interpretação destes eventos traumáticos do século XX, o escritor tomou consciência do seu pertencimento à sociedade sua contemporânea, renunciando a posição de espectador e colocando sua arte a serviço de determinadas causas. Escrevendo a partir de e para sua época. Dessa maneira, o engajamento procederia “numa larga medida, da consciência que o escritor possui da sua historicidade: ele se sabe situado num tempo preciso, que o determina e determina a sua apreensão das coisas” (DENIS, 2002, p. 38).

Das memórias da infância às vivências da Guerra Civil Espanhola, as experiências foram significadas na narrativa montada por Orwell, culminando no engajamento. No enredo desta autobiografia as

¹²“In a peaceful age I might have written ortane or merely descriptive books, and might remained almost unaware of my political loyalties. As it is I have been forced into becoming a sort of pamphleteer.”(ORWELL, 1946, p. 4).

memórias são arranjadas de modo que gere um senso de progresso e sentido. Gontijo (2006, p. 110-111) notou que:

A ideia de progresso autorizou a visão de que o indivíduo passa por um processo de desenvolvimento. Assim, a narrativa biográfica pôde se afirmar como um escrito retrospectivo, capaz de construir ou inventar uma imagem coerente do indivíduo biografado. A narrativa autobiográfica (assim como a biográfica) se baseia na preocupação de dar sentido à existência, conferindo-lhe um suporte retrospectivo e prospectivo.

No caso de Orwell temos a narrativa de um menino solitário que inventava mundos imaginários. Esse menino cresceu para trabalhar na Birmânia como oficial da polícia imperial, se tornando parte de uma classe opressora do imperialismo e optando, posteriormente, por abandonar essa posição, viver entre os trabalhadores e lutar na Espanha. Nesse caminho, o narrador encontrou seu anti-imperialismo, antitotalitarismo, ódio à autoridade, sua noção de socialismo democrático e seu projeto literário. Cada uma dessas vivências se amarra à premissa vocacional demandada pela *Gangrel*, cada etapa se significa na perspectiva do surgimento de Orwell como escritor engajado.

Orwell discutiu os motivos que levam um autor a escrever, levantando quatro possibilidades e discutindo sua relação com elas. Essas são: 1) puro egoísmo: este se define quase como um desejo de fama, reconhecimento, imortalização, vaidade e vingança daqueles que

o esnobaram na infância; 2) entusiasmo estético: seria a percepção da beleza no mundo e nos arranjos de palavras, sons, ritmos e no bom enredo, que daria ao autor o desejo de partilhar uma experiência que lhe parece valiosa, este desejo estaria presente em todos os autores, ainda que mais em um que em outros; 3) impulso histórico: este seria o desejo de ver as coisas como são, de encontrar os fatos verdadeiros e salvá-los para a posteridade – essa concepção de história é diretamente conectada com o propósito político de Orwell; 4) propósito político: desejo de mover o mundo em determinada direção, de alterar a ideia de sociedade pela qual se deveria lutar. Para Orwell esses impulsos se embatem e devem flutuar de pessoa para pessoa, de tempo para tempo (ORWELL, 1968, p. 3-4).

Como já dito, Orwell notou o quanto suas vivências da Guerra Civil Espanhola e outros eventos em 1936 e 1937 mudaram a escala e lhe deram clareza sobre seu posicionamento. O escritor afirmou que: “Toda linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, diretamente ou indiretamente, *contra* o totalitarismo e *pelo* socialismo democrático como o entendo” (grifo do autor, tradução nossa, 1968, p. 5)¹³, tal afirmação também se conectava a sua leitura do presente, “me parece bobagem, num período como o nosso, pensar que é possível evitar escrever destes assuntos. [...] é simplesmente uma questão de

¹³“Every line of serious work that I have written since 1936 has been written directly or indirectly, *against* totalitarianism and *for* democratic socialism, as I understand it” (ORWELL, grifo do autor, 1946, p. 5)

qual lado tomar e que abordagem seguir” (tradução nossa, ORWELL, 1968, p. 5-6)¹⁴.

A experiência na Espanha foi definidora da posição política de Orwell – a qual não foi nem um pouco inerte, alterando-se ao longo dos anos que se seguiram. Para John Newsinger (1999, p. 24), nesse período Orwell desenvolveu um tipo idiossincrático de socialismo revolucionário combinado com a hostilidade ao comunismo e à União Soviética. Enquanto servia com a milícia catalã no Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM), Orwell havia visto uma utopia, uma “aberração social momentânea que permitia que as pessoas se comportassem como ‘seres humanos’ e não como ‘engrenagens na máquina capitalista” (tradução nossa, VANISKAYA, 2005, p. 16),¹⁵ e teria sido graças à coordenação da classe trabalhadora que essa vivência utópica de igualdade, liberdade e esperança foi possível. Essa experiência alimentou a esperança do autor no socialismo. Além disso, Orwell havia visto que a União Soviética e os comunistas não pretendiam promover a causa da revolução na Espanha, mas sim destruir a esquerda revolucionária para o bem da política externa soviética (NEWSINGER, 1999, p. 24).

¹⁴“It seems to me nonsense, in a period like our own, to think that one can avoid writing of such subjects. [...] It is a simply question of which side one takes and what approach one follows” (ORWELL, 1946, p. 5-6)

¹⁵ “a momentary social aberration that had allowed people to behave like “human beings,” and not like “cogs in the capitalist machine” (VANYSKAYA, 2005, p. 16).

A discussão sobre a categorização do socialismo de Orwell é longa e apresenta o risco da criação de uma imagem harmônica de Orwell, enquanto que o posicionamento do autor dentro do socialismo foi móvel, sofrendo múltiplas influências e respondendo a diversas preocupações provenientes das mudanças políticas. Para George Woodcock, amigo de Orwell, o autor em questão não era um grande adepto da discussão política em termos de planejamento social ou definição de plataformas partidárias, mas o que o preocupava mais eram princípios gerais de conduta (THOMAS, 1985, p. 422).

Como já dito, existem múltiplas divergências acerca da categorização do socialismo de Orwell e mesmo sua definição como revolucionário ou reformista tem sido motivo de debates. É necessário, portanto, observar que a noção apresentada pelo autor de socialismo democrático é ambígua e originou um longo debate que continua se desenrolando. Em *Why I Write*, Orwell apresentou duas frentes tomadas pela sua produção literária: a crítica ao totalitarismo e a defesa do socialismo democrático. O alinhamento político do escritor foi, também, uma questão de integridade intelectual e dizia respeito a sua relação identitária, seu senso de responsabilidade para com certos grupos (como trabalhadores, militantes de esquerda, etc.), bem como para com suas obras. Suas realizações políticas, artísticas e pessoais eram interdependentes e participavam mutuamente de sua constituição e figuração de si.

As obras de Orwell, posteriores à Guerra Civil Espanhola, foram marcadas por um compromisso com o coletivo. Denis (2002, p. 33) notou que o engajamento liga o individual ao coletivo, nesse os escritores traduzem em atos e para outros, escolhas voluntárias, as quais manifestam uma fidelidade a si e um compromisso ético. O escritor engajado liga-se à coletividade como que por uma promessa, colocando em jogo sua credibilidade e reputação. Além disso, ao engajar a literatura o escritor a inscreve num processo que a ultrapassa, fazendo com que a obra literária sirva a algo que não é ela mesma (DENIS, 2002, p. 31). Em Orwell o motivo da escrita, seu mote e a experiência do autor se alinham, sendo seu objetivo transformar a escrita política em arte e encaixar suas concepções estéticas na sua escrita política, “O que eu mais tenho querido fazer nos últimos dez anos é transformar a escrita política em arte” (tradução nossa, ORWELL, 1968, p. 6).¹⁶ Ainda, acerca do papel político de sua escrita, Orwell afirmou:

Meu ponto de partida é sempre um senso de partidarismo, um senso de injustiça. Quando sento para escrever um livro eu não digo a mim mesmo ‘eu vou produzir uma obra de arte’. Eu escrevo porque há uma mentira que quero expor, um fato ao qual quero chamar atenção, e minha preocupação inicial é ser ouvido. [...] Meu livro sobre a Guerra Civil Espanhola, *Homage to Catalonia*, é, claro, um livro francamente político [...]. Mas entre outras coisas esse contém um capítulo, cheio de citações de jornais, defendendo trotskistas que estavam sendo

¹⁶ “What I have most wanted to do throughout the past ten years is to make political writing into an art.”(ORWELL, 1946, p. 6.).

acusados de conspirar com Franco. [...] Por acaso eu sabia algo que poucas pessoas na Inglaterra puderam saber: que homens inocentes estavam sendo falsamente acusados. Se eu não tivesse me enraivecido com isso, nunca deveria ter escrito o livro (tradução nossa, ORWELL, 1968, p. 6).¹⁷

Orwell se preocupava em deixar relatos testemunhas, buscando fazer justiça aos trotskistas (por exemplo) pela narrativa de sua memória. A sensação de dever de memória marcou o motivo histórico de Orwell. Nesse sentido, a escrita teria, para o autor, uma função de revelação e preservação dos fatos. O senso de injustiça, o fato ao qual deve ser chamada a atenção e o problema que merece ser ouvido surgiam, nesse trecho, como gatilhos que desencadeariam a escrita do autor. Sua concepção de si como intelectual tomou a forma de um protetor da verdade e da justiça, o que nos parece estar de acordo com a concepção sartriana de intelectual, na medida em que essa figura faz uso de suas técnicas, oriundas da prática profissional, para a busca da verdade sob as ilusões e mentiras (SARTRE, 1994, p. 53).

¹⁷“My starting point is always a feeling of partisanship, a sense of injustice. When I sit down to write a book, I do not say to myself, ‘I am going to produce a work of art’. I write it because there is some lie that I want to expose, some fact to which I want to draw attention, and my initial concern is to get a hearing.[...] in a new way the problem of truthfulness. My book about the Spanish civil war, *Homage to Catalonia*, is of course a frankly political book[...]. But among other things it contains a long chapter, full of newspaper quotations and the like, defending the Trotskyists who were accused of plotting with Franco.[...] I happened to know, what very few people in England had been allowed to know, that innocent men were being falsely accused. If I had not been angry about that I should never have written the book.” (ORWELL, 1946, p. 6).

As intenções políticas e historiográficas de Orwell não eram independentes de suas motivações estéticas. A preocupação com o belo teve um papel importante na atuação profissional do autor, que notou que seu trabalho só era possível por ser, também, uma experiência estética. A busca de uma fusão da estética com a política se iniciou em *Animal Farm* (ORWELL, 1968, p. 28), sendo continuada em *1984*. Com relação à forma da escrita, Orwell enfoca a clareza e limpeza, evitando tudo que fosse desnecessário e pedante. Para o autor a pior coisa que poderia ser feita seria se render às palavras. Aquele que escreve deveria evitar tornar-se prisioneiro da língua. A boa escrita dependeria da sonoridade, gramática, ortografia, sintaxe e estilo, assim como da disponibilidade de quebrar regras para manter o laço entre o leitor e o escritor (ABRAMS, 2014, p. 69).

Por fim, Orwell notou que seus motivos não seriam apenas de espírito cívico, uma vez que todos os autores “são vaidosos, egoístas e preguiçosos, e no fundo de seus motivos há um mistério. [...] Pelo que se sabe, este demônio é o mesmo que faz um bebê chorar por atenção” (tradução nossa, ORWELL, 1968, p. 7)¹⁸. Desta maneira, Orwell terminou o ensaio quebrando uma visão mítica de si, na qual sua militância assume papel central, e deixou a vaidade, o egoísmo, a preguiça e a sede por atenção surgirem como parte de sua razão de

¹⁸ “selfish, and lazy, and at the very bottom of their motives there lies a mystery. [...] For all one knows that demon is simply the same instinct that makes a baby squall for attention.” (ORWELL, 1946, p. 7).

escrita e de sua figuração de si. Contudo, a militância seguiu sendo o propósito principal:

Não posso dizer com certeza qual dos meus motivos é o mais forte, mas sei qual deles merece ser seguido. E olhando para trás, através de meu trabalho, eu vejo que, invariavelmente, onde me faltou propósito político é onde escrevi livros sem vida. (tradução nossa, ORWELL, 1968, p. 7).¹⁹

A questão política não foi sua única motivação, mas foi sua principal, dando vida ao seu trabalho e sentido ao seu papel como escritor. Nesta função engajada, Orwell centra sua narrativa de si e sua identidade como literato. Nesse ensaio, tomou forma um projeto literário que pretendia tornar a escrita política numa arte e que não abdicava da busca de justiça e da resistência ao totalitarismo. Para o autor, todo o artista é um propagandista e o motivo político – que aparece neste ensaio como desejo de empurrar o mundo em determinada direção e alterar a definição do futuro pelo qual se deve lutar – deu a literatura uma habilidade de impor visões de mundo e redesenhar as projeções que definem valores e ideias sociais (CLARKE, 2007, p. 171). Assim, Orwell construiu um projeto que instrumentalizou a literatura para lutas políticas.

¹⁹ “I cannot say with certainty which of my motives are the strongest, but I know which of them deserve to be followed. And looking back through my work, I see that it is invariably where I lacked a political purpose that I wrote lifeless books.” (ORWELL, 1946, p. 7).

Considerações Finais

Why I write foi um ensaio, bastante livre em sua forma, no qual Orwell discutiu sua trajetória como escritor, desde a infância solitária, inventando narrativas e amigos imaginários, às vivências políticas dos anos de 1930 que funcionaram como alinhador político para Orwell e lhe deram clareza sobre que tipo de literatura gostaria de escrever. Neste ensaio, o principal interlocutor de Orwell foi J. B. Pick, editor da revista, o qual pediu a alguns escritores que escrevessem sobre suas tarefas vocacionais e o qual pensou a *Gangrel* como uma frente contra o avanço totalitário. Orwell não escreveu este texto para analisar sua existência ou devido a angústias pessoais, mas a pedido de Pick, e com o objetivo de publicação.

Orwell reconstituiu sua trajetória de vida, dando-lhe um sentido uno, se utilizando de procedimentos compositivos para dar forma às suas experiências, como o eixo temporal, constituindo uma narrativa autobiográfica. As narrativas autobiográficas organizam as memórias a partir do presente, gerando coerência e estabelecendo padrões de causalidade que dão sentido e ligam ações, criando uma identidade narrativa, baseada na permanência no tempo, a qual é dependente do enredo (RICOEUR, 1991, p. 13-193). Enquanto compreensão de si, a identidade interage com a história relatada que passa a compor a própria identidade. A escrita de si pertence ao conjunto de práticas da produção

de si, as quais atribuem sentido ao mundo que cerca o sujeito, possibilitando a criação de uma identidade (GOMES, 2004, p.11-15). Deste modo, a escrita de si possui caráter configurativo que se liga a uma busca de si de um indivíduo descentrado (ARFUCH, 2010, p. 126-135), que tenta dar sentido a sua experiência na narrativa e extrair uma lógica retrospectiva e prospectiva. (BOURDIEU, 2006, p. 183-186)

A narrativa que Orwell constrói sobre si já foi pensada para que fosse lida por um número razoável de pessoas (não muitas, afinal a *Gangrel* era uma revista pequena). Nessa, o autor conecta suas vivências, gerando um relato com sentido e etapas. Sua narrativa de si culmina com o engajamento, isto é, com uma sensação de dever ético referente ao seu tempo, desencadeado pela experiência da Guerra Civil Espanhola. Nesse relato das próprias experiências, tudo se encaixa numa figuração de Orwell-escritor-militante, que luta contra o totalitarismo e pelo socialismo democrático, um defensor da verdade movido contra a injustiça, um escritor que, apesar dos motivos vaidosos e egoístas, sabe quais motivos são dignos de serem seguidos, e esses são os mais nobres.

É nessa motivação histórico-política que o autor encontra seu papel, o qual alinha sua identidade – pois foi através das vivências como soldado, oficial e fracassado que o escritor encontrou seu posicionamento político – sua profissão e sua arte. Para o ensaísta, sua própria integridade estética e intelectual se liga a seus atos políticos,

dentre os quais está escrita. O que deu vida a sua produção foi a política, pois foi no ato de engajamento de sua arte que Orwell se colocou na sua obra. Os propósitos intelectuais, artísticos e políticos de Orwell se alinham com uma identidade de literato militante. No texto, o escritor se construiu como um escritor que desde a infância se conectou a cena de leitura e criação textual, mas que foi, pelos eventos de seu tempo, levado à lealdades inescapáveis, as quais tomaram controle de sua produção artística. A partir dessa narrativa de si, suas experiências são enredadas.

Referências

ABRAMS, Douglas. George Orwell's classic essay on writing. **Maine State Bar**, v. 65, Augusta, p. 65-69, 2014. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2406060>. Acesso em: 20 out. 2018.

ADORNO, Theodor W. O Ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003.

ANGUS, Ian; ORWELL, Sonia. **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell (v. II)**. Londres: Penguin Books, 1968.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ARNT, Hérís. Editorial. **Logos**. Rio de Janeiro, ano 7, n. 13, v. 2, p.4, 2000. Disponível em:

<<http://www.logos.uerj.br/PDFS/anteriores/logos13.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica, In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CLARKE, Ben. **Orwell in context**: communities, myths, values. New York: Palgrave MacMillan, 2007.

DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento**: de Pascal a Sartre. Bauru: Editora EDUSC, 2002.

GALE, Cengage Learning. A Study Guide for "Naturalism". Michigan: Gale Study Guides, 2017.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **A escrita de si a escrita da história**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

GONTIJO, Rebeca. **O velho vaqueano**: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Disponível em: <http://www.academia.edu/26982819/O_velho_vaqueano_Tese_de_doutorado>. Acesso: 20 out. 2018.

GUBERT, Paulo Gilberto. Da constituição da identidade narrativa na obra “O si mesmo como um outro” de Ricoeur. **Pólemos**. Brasília, vol. 1, n. 1, p. 135-145, 2012. Acesso em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/11487>>. Acesso: 25 out. 2019.

LARROSA, A. Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25417>>.
Acesso em: 16 out. 2018.

MARKS, Peter. **George Orwell the essayist: literature, politics and periodical culture**. New York: Bloomsbury Academic, 2011.

MARTINS, Adriana Alves de Paula. A resistência à(des-)ordem do mundo ou a dimensão ético-política da escrita de George Orwell. In: VIEIRA, Fátima; SILVA, Jorge Bastos da (orgs.). **George Orwell: Perspectivas Contemporâneas**. Porto: FLUPE-DITAS, 2005.

NEWSINGER, John. The American connection: George Orwell, literary Trotskyism' and the New York intellectuals. **Labour History Review**, v. 64, p. 23-43, 1999, p. 24. Disponível em: <<https://online.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/abs/10.3828/lhr.64.1.23>>. Acesso em: 20 out. 2018.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

THOMAS, Paul. Mixed Feelings: Raymond Williams and George Orwell. **Theory & Society**, v. 14 n.º 4, p. 419- 443, 1985. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/657221>>. Acesso em: 20 out. 2018.

VANYSKAYA, Anna. The Bugle of Justice: The Romantic Socialism of William Morris and George Orwell. **Contemporary Justice Review**, v. 8, n.º 1, p. 7–23, March 2005.

WHITE, Richard. George Orwell: Socialism and Utopia. **Utopian Studies**, v.19, n.º1, Pennsylvania, p. 73–95, 2008. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/WHIGOS>>. Acesso em: 20 jul. 218.

Fontes

ORWELL, George. Why I Write [1946]. In: ORWELL, Sonia; ANGUS, Ian (org.). **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell** (Volume 1). Londres: Penguin, 1968.

Recebido em 08/03/20 aceito para publicação em 02/04/20